

## **IMPUREZA: SEXUALIDADE E SAÚDE PÚBLICA NO JUDAÍSMO DO PERÍODO PERSA**

### **UNCLEANNESS: SEXUALITY AND PUBLIC HEALTH ON THE JUDAISM OF PERSIAN PERIOD**

Lília Dias Marianno<sup>1</sup>

#### **RESUMO:**

Este artigo procura encontrar os fundamentos para leis relativas à lepra e tantas proibições referentes à casamentos mistos e outras espécies de miscigenação. As leis do Levítico funcionavam como normas de saúde pública e os sacerdotes presentes em Judá no pós-exílio eram também agentes da “vigilância sanitária” no Antigo Israel. Passa pelas mudanças de dimensão que o exílio assume de acordo com os avanços das pesquisas arqueológicas, examina as diferenças de estilo de vida entre autóctones e *golah*, mostra a partir de que ponto a miscigenação passou a ser um grande problema para Israel e estabelece o cenário que proporcionou o surgimento das leis proibitivas de casamentos mistos e interditantes sobre a lepra, além de certas espécies de atos sexuais. A título de conclusão, estabelece a ponte que transformou preceitos de saúde pública em leis divinas e mostra como até hoje estes preceitos permeiam o comportamento de tantos descendentes do povo de Israel.

**Palavras-chaves:** judaísmo – leis – sexualidade - doenças

#### **ABSTRACT:**

This article tries to find the foundations to relatives' laws about leprosy and other prohibitions about mixed marriages and more sizes of miscegenation. Leviticus' laws worked as public health regulations, and the priests in Yehudah on post-exile were a size of “sanitary security

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia Bíblica pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB) com especialização em Primeiro Testamento, Mestre em Ciências da Religião - Literatura e Religião do Mundo Bíblico pela Universidade Metodista de São Paulo. Coordenadora e leciona línguas bíblicas e exegese na pós-graduação em Exegese Bíblica do Centro Universitário ABEU - UNIABEU. É também administradora e atua há 26 anos com gestão de pessoas no Terceiro Setor e na docência da área de gestão.  
lilia.marianno@gmail.com

agents” on Ancient Israel. Talks about changes of dimension that exile assumes according with the advances of archaeological researches, examine the differences of life style between golah and autochthones, shows us since then the miscegenation become a big problem to Israel and establishes the scenery that made appear the prohibitive laws about mixed marriages and leprosy beyond certain sizes of sexual acts. On the conclusion, establishes the bridge that transformed public health prescriptions in divine laws, evidencing how, until now, these prescriptions orient the behavior of so many Israel descendents.

**Key-words:** Judaism – law – sexuality – illness.

## Introdução<sup>2</sup>

Os anos do Período Exílico e Pós-Exílio (entre 597 aEC sob o domínio babilônico e 445 sob o domínio persa) constituem um período de relevância inquestionável para a estruturação da religião judaica tal qual a conhecemos hoje. Antes do Exílio sequer poderíamos chamar a religião judaica de judaísmo. Tínhamos ali uma religiosidade israelita sincrética que por muitos séculos não distinguiu muito bem a divindade *Y<sup>a</sup>hw<sup>e</sup>h* da divindade Baal<sup>3</sup>. Foi uma caminhada de praticamente um milênio em busca deste discernimento. Após o Exílio, *Y<sup>a</sup>hw<sup>e</sup>h* passou a ser o único Deus para Israel.

Os processos que transformaram o sincretismo do politeísmo num monoteísmo exclusivista são profundos, repletos de intervenções sócio-históricas, políticas e econômicas. A religiosidade israelita é o produto desta longa construção teológica afetada pela política e economias internacionais. Fato é que a religião judaica não seria o que conhecemos hoje sem que Israel tivesse passado pelas experiências do Exílio.

---

<sup>2</sup> As ideias contidas neste artigo foram desenvolvidas com maior profundidade em minha pesquisa : MARIANNO, Lília Dias. *A ameaça que vem de dentro: um estudo sobre as relações entre judaítas e estrangeiros no Pós-Exílio em perspectiva de gênero*. Sobre o desenvolvimento desta teoria, tenho um enorme débito com o prof. D. Dr. Milton Schantes, meu orientador, cujos valiosíssimos insights eram transmitidos tanto na hora do café quanto também em classe, ou seja andando pelo caminho, num estilo agradavelmente peripatético. Outro desdobramento deste mesmo tema, desta vez a partir da violência promovida pela intolerância religiosa encontra-se em MARIANNO, Lília Dias. *Bebês esmagados contra as pedras: Santidade intolerante no imaginário do expatriado (SI 137)*. Em: *Estudos Bíblicos – Tolerância e intolerância religiosa*, p. 43-52.

<sup>3</sup> REIMER, Haroldo. *Sobre o monoteísmo no Antigo Israel*, p. 967-988.

Este artigo parte das diferenças de sistemas de vida que existiam entre a *golah*<sup>4</sup> (o grupo dos judaítas<sup>5</sup> deportados) e os autóctones (judaítas que permaneceram em Judá), tentando encontrar os fundamentos para tantas leis relativas à lepra e tantas proibições referentes aos casamentos mistos e outras espécies de miscigenação. Nossa perspectiva é a de que, muito mais do que preceitos religiosos ou normas cúlticas, as leis do Levítico funcionavam como normas de saúde pública e que os sacerdotes presentes em Judá no pós-exílio não eram apenas líderes religiosos, mas os chamáramos - nos termos modernos - de “agentes da saúde pública” ou “vigilância sanitária”. Eles eram fiscais que impediam que o povo fosse contaminado com as doenças dos estrangeiros misturados em Babilônia durante sua permanência naquele país.

Num primeiro momento falaremos das mudanças de dimensão que o exílio experimentou a partir dos avanços das teorias arqueológicas seguida por uma relação comparativa entre os estilos de vida dos deportados e o estilo de vida dos autóctones. Em segundo lugar mostraremos como a miscigenação passou a representar um grande problema para os judaítas autóctones, algo que nunca havia sido problema. Num terceiro momento mostraremos o contexto sociológico no qual surgiram as principais leis religiosas interditanes e proibitivas para, enfim, num quarto momento, compreendermos de que forma estas leis de saúde pública passaram a ser consideradas como teológicas dando à teologia de Israel uma moldura dietética e marital tão singular, e que caracteriza o judaísmo até os dias de hoje.

## **i. Avanços arqueológicos *versus* retrocesso na dimensão do exílio**

Finkelstein<sup>6</sup> nos alerta sobre a mudança conceitual que o exílio experimentou quando estudamos este evento à luz da sociologia e da arqueologia. Segundo ele, existia uma noção de que o exílio levava toda a população do território de Judá para a

---

<sup>4</sup> Uma expressão hebraica abrangente que em síntese significa: deportados ou cativos. Ainda hoje a expressão é utilizada para referir-se aos judeus que vivem fora de Israel, mas a expressão popularizou-se como judeus da diáspora.

<sup>5</sup> Usamos a expressão judaíta para não fazermos uso anacrônico da expressão judeu. Por judaítas compreendemos os israelitas residentes no território de Judá, após a dissipação do Israel do Norte (em 722aEC) e durante os períodos exílico e pós-exílico, uma vez que a partir da dominação grega já é comum encontrarmos na própria literatura bíblica a expressão “judeu” designativa dos habitantes da região. Na atualidade o conceito de judeu possui aspectos muito mais amplos que fundem nacionalidade, consanguinidade e religiosidade.

<sup>6</sup> FINKELSTEIN, *A Bíblia não tinha razão*, p. 409-410.

Babilônia. Os primeiros arqueólogos a se debruçarem sobre este assunto tratavam-no como se Judá tivesse sido esvaziada e a zona rural completamente devastada. Com o tempo e com a evolução da pesquisa arqueológica e principalmente de sua aproximação da pesquisa sócio-histórica, esta tese elementar mostrou-se errada. Os primeiros arqueólogos partiam do pressuposto que o registro bíblico era preciso, cabia à arqueologia apenas confirmá-lo. Nesta perspectiva a primeira campanha babilônica (em 597 aEC) teria levado dez mil judaítas para Babilônia<sup>7</sup>, mas a questão entra em conflito, pois mais adiante o mesmo relato reduz o número de deportados para oito mil<sup>8</sup>.

Já o livro de Jeremias altera este número para quatro mil e seiscentos deportados. Acredita-se que os deportados variavam entre quinze e vinte mil pessoas, e comparando este número com a população total de Judá ao final do séc. VII, em escala, a população no território chegava perto dos setenta e cinco mil habitantes. Jerusalém era habitada por aproximadamente a quinta parte deste número total de judaítas (o que chegaria a uns quinze mil habitantes) e outro tanto como este estaria assentado nas terras agrícolas mais próximas.

Assim, mesmo se aceitarmos os números mais elevados possíveis para os exilados – 20 mil – eles parecem compreender, no máximo,  $\frac{1}{4}$  da população do Estado de Judá; isso significaria que pelo menos 75 por cento da população permaneceu na terra judaica.<sup>9</sup>

De acordo com o relato bíblico, Jeremias foi um personagem que testemunhou as deportações para a Babilônia. Os pesquisadores da sociologia bíblica colocam os relatos de Jeremias escritos antes do final da redação da Historiografia Deuteronomista, onde estão os livros dos Reis. Pelos cenários descritos em ambos os livros e, ao compararmos estes cenários com os dos livros de Esdras e Neemias, notamos claramente que a presença deste grupo em Babilônia, ainda que apenas a quarta parte da população de Judá, trouxe mudanças substanciais, tanto para a vida da comunidade

---

<sup>7</sup> 2 Reis 24,14.

<sup>8</sup> 2 Reis 2,16.

<sup>9</sup> FINKELSTEIN, *Op. Cit.*, p. 410. Ver também: GUNNEWEG, Antonius. *História de Israel*, p. 211. Gunneweg elucida que a prosperidade dos deportados chegou num grande nível a ponto de se encontrarem documentos arqueológicos mencionando judaítas da Babilônia como precursores do sistema bancário.

judaica que estava deportada quanto para a vida da comunidade autóctone que permanecera em Israel redistribuída no território pelo rei da Babilônia<sup>10</sup>.

Diante destes dados, pode-se imaginar que, em pouco mais de um século, esta proporção de habitantes, tanto em Babilônia quanto em Judá, não tenha variado muito, e que na época da Hegemonia Persa a população de judaítas em Babilônia teria aumentado já que procriaram e muitos nunca quiseram regressar à Judá.

## ii. Sociedades comparadas: diferenças entre *golah* e autóctones

Sobre os deportados, o que sabemos é que eles foram para a Babilônia em pelo menos duas levadas principais. Uma em 597 aEC e outra depois da destruição de Jerusalém em 587 aEC. De acordo com o texto bíblico, a primeira deportação levou o rei, a elite de Jerusalém, as mulheres da corte, artesãos, ministros, sacerdotes, nobres, funcionários da administração e também os militares. No segundo grupo seguiu o restante da população de Jerusalém, mas os demais funcionários da administração, sacerdotes e o rei Zedequias foram executados em Ribla<sup>11</sup>. Os profissionais especializados a serviço da corte também seguiram para Babilônia. Eles não eram considerados nobreza, mas é fato que o corpo sacerdotal dava uma substância significativa ao grupo. Este grupo de deportados foi menor em relação ao primeiro grupo<sup>12</sup>.

Os deportados, assim como os autóctones, foram obrigados a cultivar terras para o rei. Eles passaram a trabalhar onde foram assentados. Passados os primeiros sessenta anos, muitos destes judaítas haviam prosperado tanto ali a ponto de construírem a comunidade mais proeminente da diáspora judaica até tempos recentes – a comunidade da Babilônia/Iraque<sup>13</sup>.

Embora Babilônia tivesse uma enorme diversidade de nações representadas em seu território tudo indica que pelo sistema de colônia judaica, os judaítas tenham vivido socialmente “afastados” dos demais grupos étnicos, mesmo assim era fácil perder a identidade num ambiente como aquele. Devido ao grande número de sacerdo-

---

<sup>10</sup> SIQUEIRA, Tércio Machado. *Um pouco da história da pesquisa sobre o povo da terra*, p. 9-16.

<sup>11</sup> 2 Rs 25,18-21.

<sup>12</sup> PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*, 6ª Ed. 1999.

<sup>13</sup> BORGER, Hans. *Uma história do povo judeu*, vol. 1, p. 137-153.

tes entre os deportados, é de se imaginar que o grupo se fundia aos levitas e sacerdotes deportados, e por tal motivo todos passaram a viver sob influência de um ordenado sistema litúrgico. Assim, a liturgia acabou servindo como ambiente onde esta identidade se preservou através da repetição das tradições históricas e da redação das leis.

Por estarem mais aglutinados e em menor espaço que os autóctones - espalhados e dispersos -, os deportados conseguiram se tornar um grupo mais homogêneo do que os autóctones. Não é a toa que elementos importantes da liturgia e da religiosidade de Israel (como a guarda do sábado, leitura da lei e a circuncisão) só tenham ganhado “normatividade” ritual a partir desta época. Se lembrarmos que os deportados estavam em regime de cativo, o espaço litúrgico se tornou para eles não apenas um lugar pra se rememorar tradições a respeito de seu povo, mas o espaço para respirar sua própria identidade judaica e ter saudades da terra natal<sup>14</sup>.

Estes podem ter sido alguns motivos pelo qual o sistema de vida dos deportados na Babilônia conseguiu trazer para Judá uma disciplina tão forte sobre a vida da nação, disciplina que nem as reformas religiosas de Ezequias e mais intensamente a de Josias conseguiram promover. Semelhante ao que hoje acontece quando se nota uma ortodoxia religiosa maior nos grupos judaicos de diáspora do que nos que vivem no próprio território de Israel<sup>15</sup>.

### **iii. Miscigenação não era um problema, mas passou a ser**

Mesmo antes da deportação, a sociedade judaíta se encontrava bastante estratificada. A deportação contribuiu ainda mais para este sectarismo. Em relatos nos livros de Esdras e Neemias se percebe que as mulheres autóctones se queixavam da opressão de um irmão sobre o outro<sup>16</sup>.

Não apenas a separação social foi sendo depurada, mas um novo tipo de separação se estabeleceu: a separação étnica. Os deportados ficaram bastante tempo no convívio com outras nações. Para construírem uma identidade no meio de tamanha

---

<sup>14</sup> GUNNEWEG, Antonius. *História de Israel*, p. 219-241.

<sup>15</sup> BONDER, Nilton. *Judaísmo para o século XXI*, p. 8.

<sup>16</sup> De acordo com Neemias 5,1-10. Ver também: CROATTO, José Severino. *A dívida na reforma social de Neemias*, p. 25-34, e BEDFORD, Peter. *Diaspora: homeland relations in Ezra-Nehemiah*, p. 147-165.

mescla de gente, os ritos e preceitos da lei assumiram o controle da vida comunitária. Concepções sobre pureza ritual ficaram cada vez mais refinadas na mente deste grupo.

Por ser um grupo menor que os autóctones, os deportados foram os pioneiros dos modelos de colônia judaica.. Casavam entre si, fortaleceram os laços de parentesco dando origem às linhagens de descendentes muito fáceis de desenhar em genealogias, que neste período da história assumiram relevância extrema enquanto para os autóctones continuaria sendo algo não apenas impensável como irrealizável. Judaítas, filhos de judaítas, netos de judaítas e assim por diante. Com o tempo estes judaítas passaram a ser chamados de judeus, enquanto o restante de Israel autóctone passaria a ser designado como samaritanos<sup>17</sup>.

Na província da Judéia, caminhava-se na contramão. Por já terem recebido inúmeros migrantes do Norte desde 722 aEC, quando a Assíria desterrou o povo da região de Efraim<sup>18</sup>, o povo camponês de Judá lidava com a mistura com nítida tranquilidade pois além de seus irmãos do norte recebera em seus territórios os demais povos vizinhos que vieram se refugiar em Judá quando cerco da Assíria apertou. Uma vez que todos esses povos foram subordinados à Babilônia com a ascensão do novo império, a rigidez de fronteiras simplesmente não existia. Judaítas eram também amonitas, moabitas, edomitas, sírios, fenícios, filisteus, vivendo em regime muito semelhante ao tribalismo, exceto pela significativa estratificação social. Foi um processo natural e inevitável diante das circunstâncias.

Na Babilônia, os deportados foram “depurados” pelo exílio, a “fornalha da aflição” identificada em Is 40,1. Mas estes deportados foram enfatizando pureza na identidade judaica que era primordialmente definida pela circuncisão e o registro da linhagem na árvore genealógica, hábito que muitas famílias judaicas perpetuam até o dia de hoje com mais proeminência do que outras nações.

---

<sup>17</sup> COGAN, Mordechai. *For we, like you, worship your god: three biblical portrayals of samaritan origins*. p. 287-292

<sup>18</sup> FINKELSTEIN, Israel. *A Bíblia não tinha razão*, p.311-338.

Diferente de hoje, quando judeu é filho de mãe judia<sup>19</sup>, naquele tempo, ser judeu era ser filho de pai judeu e neto de avô judeu. As genealogias mostram que a mulher sequer era mencionada nos registros, pois na sociedade patriarcal a sua presença não assumia relevância de proporções significativas<sup>20</sup>. Por conta disto, toda possibilidade de mistura étnica assumiu contornos morais de contaminação. Três a quatro gerações de judaítas que não realizavam casamentos mistos<sup>21</sup> configuraram um grupo de judeus que passaram a ser compreendidos como os puros. Os que não atendiam a estes requisitos eram os impuros.

Quando os deportados foram autorizados a voltar à Judá, eles tinham autorização do rei da Pérsia (já que mudara a nação hegemônica no cenário internacional) para trazer a lei para Judá, lei que regularia, acima de tudo, a vida dos autóctones. Dentre as muitas leis estavam também as leis referentes à questões sexuais e aquelas que proibiam casamentos mistos<sup>22</sup>.

Como dito anteriormente, pureza étnica era um componente impensável para o cotidiano dos autóctones, algo impraticável que não merecia ser cogitado. Somente a reconstrução do templo conseguiu captar as atenções tanto de deportados quanto de autóctones porque de certa forma atendiam a expectativas de ambos os grupos<sup>23</sup>. A idéia de voltar a adorar no templo aquecia o coração de todos, mas não o rigor que se estabeleceu sobre a miscigenação dos judaítas autóctones, forçando a situação de divórcios coletivos que estão narrados tanto no livro de Esdras quando no de Neemias<sup>24</sup>.

Para os deportados mesclar etnia era um pecado gravíssimo, maculava a identidade judaica construída naqueles dias difíceis sob o jugo da Babilônia, mas para os

---

<sup>19</sup> “De acordo com o direito rabínico, judeu é quem nasceu de uma mãe judia; não é o pai que decide” em: BEN-SCHORIM, Schalom, *A eleição de Israel, um tratado político-teológico*. p. 120. Já para BONDER, “quem é judeu, bíblicamente falando? Todo aquele que tem um neto judeu. Na verdade quem dá identidade judaica é o neto a seus avós”. *Judaísmo para o séc. XXI*, p. 14 e 15.

<sup>20</sup> BRENNER, Athalya. *A mulher israelita*, p. 187-190.

<sup>21</sup> PICHON, Christophe. *La prohibition des mariages mixtes par Néhémie 13, 23-31*, p. 168 - 199.

<sup>22</sup> Dt 23,2-9.

<sup>23</sup> Enquanto um grupo tinha expectativas sobre o retorno dos descendentes de Davi ao trono, outro grupo visibilizava o controle por meio da prática religiosa. SIQUEIRA, Tércio Machado. *Um pouco da história da pesquisa sobre o povo da terra*. p. 9-16.

<sup>24</sup> Ed 9 Ne 10-13 . PICHON, Christophe. *La prohibition*, p. 168 -199. Ver também: DOR, Yonina. *The composition of the episode of the foreign women in Ezra 9-10*, p. 26-46.



autóctones este assunto não tinha relevância, e implicar com ele alteraria toda a ordem social que estruturava a vida dos israelitas não deportados.

Elaine Neuenfeldt define que a miscigenação foi atrelada à questão do sincretismo religioso, configurando, ambas, processos de contaminação de uma identidade nacional que começara a ser estabelecida pela primeira vez na história do povo judeu. Segundo Neuenfeldt, o javismo oficial<sup>25</sup> era caracterizado por uma “assimetria de gênero” no qual o grupo dominante era o masculino. Os homens eram os detentores e mantenedores da religião neste javismo. As mulheres dominavam outros ambientes da prática religiosa, em especial a instância da religião popular, pois segundo a autora, as formas de práticas religiosas lideradas por mulheres divergem das “convenções oficiais androcêntricas”.

religião normativa é aquela que está prescrita nos textos bíblicos, editados por um grupo sacerdotal que quer instituir normas e práticas, mas cujo conteúdo não reflete a realidade da religião popular que é praticada pela maioria do povo [...] que está às margens do culto estabelecido, vinculada às nebulosas práticas da superstição<sup>26</sup>.

Neuenfeldt evidencia Dt18,10-11; Ex 22,18; Is57,3; Ez 8,14; 13,17-23 e Gn 31,14-42; Jz 17 como provas de cultos caseiros dirigidos por mulheres, fazendo com que estas fossem apresentadas como agentes subversivas e transgressoras da religião oficial. Eram cultos ligados às práticas caseiras e familiares, onde as mulheres tinham acesso pleno, seu protagonismo era evidente ao invés de restrito como era no culto oficial, público e nos seus templos e santuários. Desta forma, mulheres (principalmente as não inscritas nas genealogias trazidas pela golah) se tornaram uma ameaça aos interesses do Estado, pois havia questões políticas e econômicas envolvendo o fortalecimento dos templos para os quais o fortalecimento dos grupos familiares não interessava.

### **Excursus: Teologia da Libertação e Interpretação Bíblica**

---

<sup>25</sup> Entenda-se Javismo como o pré-monoteísmo que configura a fé de Israel num só Deus até os dias de hoje.

<sup>26</sup> NEUENFELDT, Elaine. *Práticas e experiências religiosas de mulheres no antigo Israel*, excertos p. 57- 63.

Nos anos 60/70, anos nos quais os países latinos passaram por regimes militares de governo, décadas marcadas por guerrilhas de grupos de oposição, floresceu, no continente latino-americano uma vertente teológica conhecida como Teologia da Libertação. As concepções filosóficas e sociológicas que embasaram a Teologia da Libertação estão fundamentadas em princípios marxistas. Usa os métodos exegéticos desenvolvidos na escola alemã, mas trabalha em função das sociedades oprimidas. A Teologia da Libertação foi alimentada por décadas pelo movimento bíblico popular de resistência. A abordagem de Neuenfeldt está plenamente ancorada nestes pressupostos.

Os teólogos biblistas e exegetas comprometidos com esta vertente sempre enxergaram, na figura dos representantes sacerdotais, uma classe dentre os deportados que veio para Judá com poderes conferidos pelo rei da Pérsia unicamente para assumir o poder político e econômico na região e trabalhar a favor do imperialismo.

Esta classe começa por interditar a participação de um grande número de autóctones nas festas, celebrações e liturgias religiosas, transformando-se numa classe opressora em relação ao povo da terra. Por metade dos anos que temos nos dedicado à pesquisa continuada deste assunto, acreditávamos nesse pressuposto como um postulado estabelecido que não carecida de novas discussões nem de ser questionado.

Entretanto a própria Teologia da Libertação na exegese bíblica tem passado por sucessivos processos de releitura e seus principais teóricos vêm atualizando suas teorias e redirecionado algumas de suas teses para aplicação dentro de uma visão contextualizada com o momento atual da história do nosso continente.

Um desses redirecionamentos teóricos em relação à classe sacerdotal no Pós-Exílio foi realizado pelo Dr. Schwantes em uma das aulas dos pesquisadores do mestrado em 2006. Em síntese o direcionamento referido por Schwantes orienta para olhar para o sacerdote como um opressor não proposital, mas muito mais circunstância. Ele estava em Judá, também assumindo controle de epidemias e vigilância sanitária, pois todas as normas de higiene contidas na Torah são profiláticas e impedem o contágio de muitas doenças. Este redirecionamento de velhas teorias sobre os sacerdotes é que nos encaminha para o desdobramento que damos à nossa pesquisa como vem a seguir.

#### **iv. Leis interditantes: como, onde, quando e por que surgem?**

A partir deste curioso insight na contramão da visão dos exegetas da libertação sobre o papel dos sacerdotes, criamos suspeitas sobre as espécies de doenças contagiosas proibidas pelos sacerdotes que trariam manchas à pele, a ponto de criar uma

diversidade enorme de leis casuísticas a respeito da lepra. Estas leis de pureza encontram-se pormenorizadas no livro Levítico 11 à 19, uma parte significativa de um livro com apenas 27 capítulos.

Por que manchas na pele eram associadas à condição de "pecado" e impureza, e paralelamente tantas normas sobre prática sexual e fluídos corporais expelidos pelos órgãos sexuais e reprodutores foram criadas? Documentos de fontes históricas registram que a DST era comumente chamada de lepra na Antiguidade, principalmente porque não eram conhecidas as DST como hoje. Que grau de associação das manchas na pele, que poderiam variar desde picadas de insetos ou simples dermatites até à temida lepra, havia com a prática das relações sexuais? Uma coisa estava atrelada à outra? Por que os sacerdotes tinham que classificar como impureza uma série de elementos naturais do corpo como os fluídos dos órgãos sexuais? Tratava-se apenas de impureza religiosa? De atitudes repetidas em cultos pagãos? De controle genético sobre os autóctones miscigenados? Que motivo maior haveria por trás de tantas leis que interditavam a participação dos doentes na liturgia, principalmente os leprosos e os que estiveram envolvidos em atividades sexuais?

Babilônia ficou famosa na Antiguidade por proliferar doenças sexualmente transmissíveis<sup>27</sup>. A sífilis e a gonorreia, tão conhecidas nos dias atuais, nascem naquele ambiente e na mesma época que os judeus estavam ali deportados. Ishtar era a deusa principal da Mesopotâmia. Ela era a doadora da vida, dos homens, das mulheres, de outras deidades, de poder sexual, gravidez, nascimento e também da guerra. Após vitórias em batalhas, o templo se enchia de gente num banquete com orgia, algo que os sacerdotes judeus devem ter testemunhado com certa frequência<sup>28</sup>.

A prostituição sagrada se dava no momento em que as mulheres, representando a deusa, iriam conferir poderes de guerra aos homens. Toda mulher da região tinha que se dedicar a esta função pelo menos uma vez na vida para mediar a bênção de Ishtar aos homens. Ela tinha que ir ao templo de Ishtar (geralmente recém-casada) e ali no templo ficava até um estranho vir e lhe atirar peças de prata ao colo. Então ela deixava o lugar central e se retirava para as câmaras interiores do templo para ter relação sexual com este estranho. Era proibido a uma mulher recusar o primeiro estranho. Imagina-se que algumas mulheres pouco atraentes ficavam por muito tempo no

---

<sup>27</sup> RASHIDI, J. *Mesopotamian disease and medicine*.

<sup>28</sup> History of sex – Mesopotamia - Ancient Babilonia & Assiria – Ishtar.

templo esperando que alguém lhe atirasse moedas ao colo. As pessoas suplicavam a Ishtar por virilidade, fertilidade e poder sexual. Falos esculpidos eram encontrados em cada templo. Os cultos a Peor, outra divindade mesopotâmica, também eram marcados por shows exibicionistas de pessoas engajadas em vários tipos de atos sexuais. No final os presentes eram convidados a participar do ato orgiástico.

As primeiras referências à DST na história humana são encontradas na Babilônia. Especialmente sífilis e gonorreia neste período. Posteriormente referências a estas doenças serão mencionadas pelos filósofos gregos do período clássico. Quando os adoradores da referida divindade eram contaminados, dizia-se que os deuses castigaram a pessoa com mordidas do escorpião e do caranguejo que se percebem nas constelações estelares. Inclusive os sintomas de cancro, típicos da sífilis, eram considerados mordidas do caranguejo (constelação de câncer)<sup>29</sup>. Essas doenças deixam marcas no esqueleto humano que o tempo não consegue apagar, por isso a arqueologia tem trazido valiosas contribuições para a medicina moderna a respeito do surgimento destas doenças no mesmo local e época em que os judaítas estiveram exilados.

A cidade de Babilônia era muito irrigada. Na região nasciam os dois rios com enorme volume de água da região mesopotâmica: o Tigre e o Eufrates, e seus afluentes cortavam a cidade. Algumas reconstruções gráficas de Babilônia realizadas a partir de projeções arqueológicas nos mostram uma urbanização evoluída, muito bem edificada, com construções arrojadas e canais em grande número por toda a cidade. Uma Veneza do mundo antigo, porém mais ampla, com largas avenidas de água, muitas pontes e embarcações pequenas trafegavam por estes canais. As construções que mais se destacavam eram as dos antigos zigurates e pagodes, prédios grandiosos com vários pavimentos e terraços repletos de jardins, cujas plantas buscavam o frescor das águas nos canais que ficavam ao lado destas construções<sup>30</sup>.

O salgueiro é o tipo de folhagem que cresce mais rápido do que sua estrutura de tronco suporta, por isso ele tomba, feito uma samambaia-chorona. Curva-se em direção às águas. De acordo com o SI 137, nestes salgueiros o salmista e seu grupo penduravam suas harpas. Que pessoas tocavam harpa entre os deportados? O único

---

<sup>29</sup> RASHIDI, J. *Mesopotamian disease and medicine*.

<sup>30</sup> Para compreender a dinâmica sócio-econômica representada nos jardins, veja PEREIRA, Nancy Cardoso. *Jardim e poder: Império persa e ideologia*. p. 121-128.

grupo que tinha por ofício a composição de músicas era o segmento dos sacerdotes e levitas, instituídos como cantores do templo desde os dias de Salomão. Era essa gente que possuía harpas, que compunha canções para Yahweh, que chamava Jerusalém de Sião. Era essa gente que tinha saudades de Jerusalém a ponto de entrar em depressão e choro, pois era lá onde se poderia desenvolver seu ofício litúrgico sem restrições, sem mistura com tanta gente diferente com doenças asquerosas.

Sabemos também que as doenças infecto-contagiosas visíveis na pele eram abundantes na Babilônia por causa destes canais e a quantidade dos jardins suspensos na beira dos mesmos canais<sup>31</sup>, ambiente espetacular para proliferação de mosquitos transmissores de diversas doenças.

Até mesmo Alexandre, O Grande, morreu de uma febre misteriosa nesta mesma região um século e meio depois. Os estudiosos concluem ter sido uma doença infecto-contagiosa semelhante à febre tifóide<sup>32</sup>, ou se derivada de picadas de mosquitos, também teria deixado suas marcas vermelhas no corpo.

Doenças endêmicas eram constantes na região. Os judaítas vinham de uma região semi-desértica. Mosquitos não se proliferam numa região assim. O que eles viram durante a deportação foi uma variedade de doenças infecciosas e inéditas, até certo ponto desconhecidas para o ambiente de onde vieram. Erupções cutâneas de todas as espécies, muitas delas originadas nestes templos de cujos jardins eles cuidavam.

Na cultura judaica, a lepra era uma doença de estrangeiros, pois tirando o episódio de Miriã<sup>33</sup> em Nm 12, cuja redação é posterior ao exílio e tinha objetivo doutrinal de mostrar as consequências do pecado contra as lideranças, apenas Naamã é mencionado com lepra no Primeiro Testamento antes do exílio. No entanto, no Segundo Testamento, os episódios e menções de pessoas leprosas são abundantes<sup>34</sup>.

O que era visível é: os templos de Ishtar eram lugares repletos de jardins suspensos e de orgias e relações sexuais promíscuas. Destes espaços saíam homens e

---

<sup>31</sup> SI 137

<sup>32</sup> CUNHA, Burke A. *Alexander the Great and West Nile virus encephalitis*.

<sup>33</sup> Nm 12,1-16.

<sup>34</sup> As menções de lepra no primeiro testamento permeiam os capítulos 13 e 14 do livro Levítico. Retirando estes exemplos, encontramos menções à Lepra no caso de Naamã, 2 Rs 5, No Segundo Testamento as ocorrências de lepra são mais diversificadas.

mulheres que cedo ou tarde apareciam com manchas na pele de várias espécies. A associação mais lógica que qualquer pessoa faria seria: manchas na pele = relação sexual idólatra nos templos de Ishtar, a padroeira da cidade.

É coerente que os sacerdotes judaítas tenham criado preceitos tão rígidos sobre higiene, principalmente sexual, como os que estão contidos no documento sacerdotal. É natural que tivessem tanto cuidado com a contaminação com mulheres estrangeiras, algo que até aquele momento não se evitava tanto.

Pode ser esta a razão porque, nos livros de Esdras e Neemias, se privilegie a ênfase sobre o pecado de Salomão e sua contaminação com mulheres estrangeiras que adoravam outros deuses e não a Y<sup>h</sup>w<sup>h</sup>. Pode ser este o motivo pelo qual Esdras e Neemias se refiram aos judaítas como a “santa descendência” porque as demais eram impuras e pecadoras<sup>35</sup>.

É compreensível porque qualquer mancha na pele era preocupante naqueles dias. Tudo era lepra. As feridas de doenças sexualmente transmissíveis também têm aparência de lepra em alguns de seus estágios<sup>36</sup>. O que a medicina consegue diferenciar na atualidade, com a tecnologia avançada dos recursos, não era tão fácil de ser discernido na antiguidade. Os grupos de doenças eram menos variados, ou seja, doenças de pele eram de pele, independente de terem sido transmitidas por mosquitos, por contato ou por contaminação sexual. Assim, é fácil de entender que qualquer erupção na pele fosse automaticamente associada a pecado de idolatria ou participação nas substituições culturais de Ishtar, Peor ou Astarte. Qualquer pessoa com manchas na pele, era, assim, um idólatra e pecador.

## **v. Saúde pública como paradigma teológico**

---

<sup>35</sup> Conferir Ed 9 e 10 e Ne 10 e 13.

<sup>36</sup> Este artigo é derivado de comunicação apresentada no V Simpósio Judaica, em junho de 2010. Na ocasião expusemos vários slides apenas com fotos de lepra, sífilis e gonorreia em estágios iniciais, intermediários e avançados. Este exercício provou que, mesmo na atualidade, o mapa conceitual que fazemos de lepra confunde-se com o das DST. Desafiamos o leitor a fazer uma busca na web por imagens destes três verbetes e numa espécie de tira-teima, perceber que diferenças visuais significativas existem entre as três doenças nos seus diferentes estágios.

Regev apresenta um interessante estudo sobre o documento sacerdotal<sup>37</sup> e o Deuteronômio, mostrando os conceitos diferentes de santidade ligados à eleição ou à prática de uma vida santa<sup>38</sup>. Ele começa estabelecendo a diferença de vertentes teológicas entre a escola sacerdotal e a escola deuteronômica para explicar a razão das interdições de pureza promovidas pelo sacerdócio. Para Regev elas são resultados de duas visões de mundo diferentes dessas duas escolas e a Torá legitimava a ambas, por isso fica complicado para alguém de fora entender algumas contradições contidas nos textos jurídicos.

O pentateuco consiste de duas diferentes concepções de santidade, e os equivalentes destas percepções bíblicas distintas provavelmente existem em outras religiões e culturas [...] Deuteronômio reflete uma mudança na atitude através do culto e da percepção de Deus em comparação com a escola sacerdotal [...] enfatiza a santidade de todo o povo de Israel, enquanto a regra central dos sacerdotes é substancialmente diminuída, aplicando-se apenas aos círculos sacerdotais [...] A força destrutiva da impureza é extremamente enfatizada na escola sacerdotal. Poluição profana o santuário, então viola a santidade. O propósito da extensão das interdições sobre pureza era restringi-las dos lugares sagrados, do povo sagrado e dos objetos sagrados<sup>39</sup>. Não apenas impureza ritual mas estas doenças de peles com cascas podem contaminar outra pessoa e o santuário. Transgressões sexuais concernentes a incesto, menstruação e etc, também eram comportamento imoral incompatíveis com o sagrado, também dessacralizava o santo e violava a santidade da pessoa e mesmo a santidade da terra de Israel<sup>40</sup>.

Regev conclui que, para os sacerdotes, a pureza era resultado de um processo contínuo de obediência aos mandamentos. No Deuteronômio, a santidade de Israel é

---

<sup>37</sup> Documento sacerdotal é um trecho mais longo que abrange os capítulos 16 a 26 do livro de Levítico, considerado um código de leis específico para sacerdotes e levitas dentro do livro Levítico.

<sup>38</sup> REGEV, Eyal. *Priestly dynamic holiness and deuteronomic static holiness*. p. 243-261.

<sup>39</sup> Sabemos do vasto uso da argila na confecção de quaisquer tipos de utensílio da antiguidade. Muitos fungos se proliferam na argila, tanto que um dos detectores de lepra era pelo barro da casa conforme algumas leis no livro de Levítico.

<sup>40</sup> REGEV, *Op. Cit.*, p. 243-249 (tradução desta autora).

um fato ou um status, consequência da eleição divina e não resultado da obediência aos mandamentos.

Para o Deuteronômio a santidade é graça e para a escola sacerdotal é observância, cumprimento de normas. No Deuteronômio, ser santo não é um termômetro do quanto Israel obedecia à lei, mas era uma situação da pessoa em relação a Deus.

Regev estabelece os conceitos de santidade estática e santidade dinâmica. A santidade estática é aquela que vem do status da condição de eleito que Israel possui. A santidade dinâmica tem a ver com a constante purificação que os sacerdotes promoviam para que, aquele que obedecesse à lei estivesse sempre purificado, expiado, puro.

Por esta razão a poluição causada por fluídos físicos ou transgressões morais ameaçavam o modelo de santidade dinâmica, por uma impureza também dinâmica. Esta impureza dinâmica não conseguia afetar a santidade estática do sistema deuteronômico, mas ela era imprópria, repulsiva e trazia desgraça na relação com o santo, era abominável de acordo com o Dt, mas no círculo sacerdotal a impureza desqualifica o puro.

Compreendendo esta visão de santidade imposta pelos círculos sacerdotais do período persa aos habitantes de Judá, nota-se que as questões preliminares de saúde pública, como as contenções de doenças epidêmicas e principalmente as doenças sexualmente transmissíveis foram catalogadas como lepra, ganhando assim, uma conotação de impureza não apenas física, mas espiritual, consequência de pecado, desqualificando teologicamente qualquer pessoa que possuísse qualquer daquelas doenças.

DSTs, quando ocorrem em mulheres grávidas, podem causar danos enormes aos fetos, inclusive cegueira. Não é de se admirar, então, que, séculos depois, durante a passagem de Jesus pela terra, os seus seguidores, ao verem um cego de nascença perguntassem: "foi ele ou seu pai quem pecou"<sup>41</sup>? De fato, cegueira, "lepra" e outros sinais de doenças sexuais eram imediatamente associados a pecados, à infrações espirituais muito sérias e tinham que ser tratados como previstos pela lei.

---

<sup>41</sup> João 9,2.



## Conclusão.

A percepção da dimensão que teve o exílio entre o relato mítico e o evento concreto muda, na medida em que a arqueologia avança, e nos traz novos elementos para pesquisas. *Golah* e judaítas autóctones, embora tenham pertencido a um mesmo grupo originalmente, com o decorrer do exílio vão assumindo diferenças radicais no sistema de vida, nas noções sociais, nas proximidades com pessoas estrangeiras e principalmente na forma como permitiriam ou não que estas pessoas lhes afetassem. Casamentos com mulheres estrangeiras nunca tinha sido problema para o Antigo Israel até que a *golah* chegou à Judá com a Lei “debaixo do braço” e estabeleceu normas que antes ninguém havia seguido com tamanho rigor.

Vimos também que estas normas e leis não foram criadas a partir da realidade da terra de Judá. Elas tiveram como cenário a mistura étnica que existia na Babilônia em tempos de imperialismo e todas as epidemias que essa mistura causava. Como resultado, as doenças de pele passam a ser conhecidas como doenças dos estrangeiros que se prostituíam nos espaços sagrados das religiões pagãs, doença de gente que não amava ao Deus de Israel. Desenvolve-se a partir daí uma concepção de pureza ligada à limpeza corporal que se funde num paradigma teológico baseado no dito do Levítico que diz: “sede santos por que eu sou santo”<sup>42</sup>.

Saúde pública é um bom motivo para se criarem leis de interdição? Obviamente sim. Os motivos que levavam às doenças endêmicas poderiam ser associados sempre com pecado de idolatria? Nem sempre. Estrangeiros podem ser sempre associados com pessoas doentes das quais devemos nos afastar? Nem sempre, a não ser que haja uma epidemia conhecida na região de onde vem o estrangeiro. Entretanto, estes pressupostos subjazem, de alguma forma, nas noções de pureza que imprimem a estética dietética e marital entre os judeus até os dias de hoje<sup>43</sup>.

Mas é tempo de releitura. Nilton Bonder lança desafiantes questionamentos sobre a sobrevivência do judaísmo nos dias atuais. Para sobreviver ao secularismo da pós-modernidade o judaísmo precisa encontrar um jeito de se adaptar. E muitas das vezes, é nos episódios de CAJU (filho de casamento misto entre católico e judeu ou o

---

<sup>42</sup> Levítico 10,10 e 11:44.

<sup>43</sup> MARY DOUGLAS, Pureza e Perigo trabalha com a articulação dos conceitos de puro e imundo, as razões e resultados estes estigmas.

próprio católico dentro de uma família judaica) onde talvez se encontrem os “judeus” mais fervorosos, mais convictos e apegados às tradições judaicas, onde possivelmente haja mais gente ardorosa pela construção da identidade do que os próprios judeus originais.

“O CAJU é o quinto filho. Externo à cultura, ele não pode ser categorizado como ignorante ou alienado, nem mesmo como aquele que a rejeita. Estes tempos novos exigem a coragem de entender que talvez o “externo”, o próprio caroço difícil de se engolir, seja talvez a maior iguaria. Que mais que o fruto, sua importância está naquilo que é externo e em seu poder de construir e reconstruir o que é interno. Talvez a grande surpresa seja justamente essa: o que hoje é não comestível, intragável, pode ser a maior iguaria se tratada adequadamente. Como a cultura brasileira se faz conhecer mais pela castanha de caju do que pelo fruto, que a maioria desconhece ou jamais viu, não se assobrem se este for o novo paradigma: da “castanha” pode surgir no futuro muito da identidade de uma cultura que o fruto em si não produz”

## REFERÊNCIAS

- BEDFORD, Peter R. Diaspora: homeland relations in Ezra-Nehemiah. In: *Vetus Testamentum*. Leiden, n.52/2, p. 147-165, 2002.
- BEN-CHORIN, Schalom. *A eleição de Israel: um tratado teológico-político*. Trad. Carlos Pereira. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BONDER, Nilton; SORJ, Bernardo. *Judaísmo para o século XXI. O rabino e o sociólogo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BORGER, Hans. *Uma história do povo judeu: de Canã à Espanha*. 2ª ed. v.1. São Paulo: Sêfer, 2001.
- BRENNER, Athalya. *A mulher Israelita: papel social e modelo literário na narrativa bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- COGAN, Mordechai. For we, like you, worship your god: three biblical portrayals of samaritan origins. In: *Vetus Testamentum*. Leiden, n. 38/3, p.287-292, 1988.

- CROATTO, José. Severino. A dívida na reforma social de Neemias: um estudo de Ne 5,1-19. Em: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis/ São Leopoldo, n. 5/6, p. 25-34, 1990.
- CUNHA, Burke A. Alexander the Great and West Nile vírus encephalitis. Em: [http://findarticles.com/p/articles/mi\\_m0GVK/is\\_7\\_10/ai\\_n6153829/print](http://findarticles.com/p/articles/mi_m0GVK/is_7_10/ai_n6153829/print)
- DOR, Yonina. The composition of the episode of the foreign women in Ezra 9-10. In: *Vetus Testamentum*. Leiden, n. 53/1, p. 26-46, 2003.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: A Girafa, 2003.
- GUNNEWEG, Antonius H. J. *História de Israel*. Dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias. Trad. Monika Ottermann. São Paulo: Teológica/ Loyola, 2005.
- MARIANNO, Lília Dias. *A ameaça que vem de dentro: um estudo sobre as relações entre judaítas e estrangeiros no Pós-Exílio em perspectiva de gênero*. São Bernardo do Campo: UMESP [dissertação de mestrado], 2007.
- MARIANNO, Lília Dias. Bebês esmagados contra as pedras: Santidade intolerante no imaginário do expatriado (SI 137). Em: *Estudos Bíblicos – Tolerância e intolerância religiosa*. Petrópolis: Vozes. Vol. 28, n. 109, 2011, p. 43-52.
- NEUENFELDT, Elaine. *Práticas e experiências religiosas de mulheres no antigo Israel: Um estudo a partir de Ez 8, 14-15 e 13, 17-23*. São Leopoldo, 2004, 393p. [Tese – Doutorado em Teologia – Escola Superior de Teologia].
- PEREIRA, Nancy Cardoso. Jardim e poder: Império persa e ideologia. Em: REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor (orgs). *Hermenêuticas Bíblicas*. Contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica. São Leopoldo/Goiânia: Oikos/UCG/ABIB. p. 121-128. 2006,
- PICHON, Christophe. La prohibition des mariages mixtes par Néhémie 13, 23-31. In: *Vetus Testamentum*. Leiden, n. 47/2, p. 168 -199. 1997.
- PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*. Trad. Ramiro Mincato. Petrópolis: Vozes, 6ª ed., 1999.
- REGEV, Eyal. Priestly dynamic holiness and deuteronomic static holiness. In: *Vetus Testamentum*. Leiden, n. 51/2, p. 243-261, 2001.
- REIMER, Haroldo. Sobre o monoteísmo no antigo Israel. Em: *Fragmentos de Cultura*. Goiânia, n. 13/ 5, p. 967-988. 2003.

RASHIDI, J. *Mesopotamian disease and medicine*. Em:  
[http://cdli.ucla.edu/wiki/index.php/Babylonian\\_medicine](http://cdli.ucla.edu/wiki/index.php/Babylonian_medicine).

SIQUEIRA, Tércio Machado. Um pouco da história da pesquisa sobre o povo da terra.  
Em: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis/ São Leopoldo, n. 44, p. 9-16, 1994.

History of sex – Mesopotamia - Ancient Babilonia & Assiria - Ishtar  
Em: <http://www.bigeye.com/sexeducation/mesopotamia.html>.